



---

## A Revolução Alemã\*

---

Anton Pannekoek

---

O resultado lógico da derrocada do imperialismo alemão, na sequência da derrota militar, foi a revolução.

No dia 04 de novembro ocorreu a revolta de Kiel. O esboço se manifestou primeiro entre os marinheiros. Havia rumores sobre uma revolta entre os marinheiros durante o ano anterior e os socialdemocratas independentes se defenderam de acusações segundo as quais eles teriam cumplicidade. Agora explode outra revolta, mais forte e mais geral, “*por engano*”, como diz o *Vossische Zeitung*. As revoluções ocorrem frequentemente por tais *enganos* – a convicção entre os marinheiros de que haviam lhes ordenado que a frota saísse em um combate desesperado.

Os marinheiros organizaram um conselho, prenderam seus oficiais, hastearam a bandeira vermelha e apresentaram suas demandas ao governo. O socialpatriota Noske, chegando a Kiel, tentou, em vão, pará-los.

Em 5 de novembro o movimento se estendeu até Hamburgo, onde os operários portuários se declararam em greve por simpatia. O tráfego cessou e os soldados se uniram à revolução. Durante os poucos dias seguintes o movimento se estendeu a Bremen, Wilhelmshaven, Lubeck e ao longo das regiões nortistas em geral, enquanto a oficina de Wolff enviou informes vagos da revolta junto com o anúncio de que seria rapidamente suprimida. Em Berlim, a intriga dizia que os novos ministérios

---

\* Tradução de Nildo Viana. Este texto foi escrito em 1918, ou seja, durante o início do processo revolucionário alemão, quando Anton Pannekoek não era ainda um comunista de conselhos, na época ainda pertencia aos quadros do KPD (Partido Comunista Alemão), cuja degeneração será um dos elementos que contribuirá com a emergência da tendência dos comunistas conselhistas. O texto, portanto, se limita à primeira fase da Revolução Alemã, que terá diversos outros desdobramentos nos anos seguintes [Nota RMA].



continuavam. Max Von Baden desapareceu, o Partido Socialdemocrata apresentou um ultimato ao governo e o *Vorwaerts* implorava aos operários que permanecessem “com calma” – sendo contrarrevolucionário até o último momento. Entretanto, a revolução continuou expandindo-se pela Colônia, Munique, Stuttgart, ao longo da Alemanha.

Por todos os lados os conselhos de operários e soldados ganharam vida e prenderam os oficiais e funcionários do velho regime, exceto aqueles que declararam sua disposição em servir à revolução. Por todas as partes foi proclamada a nova República, os reis e príncipes abdicaram e desapareceram, e, finalmente, em 09 de novembro, abdicou o Imperador Wilhelm. Berlim, que permaneceu em calma até o final, passou por cima da revolução; os conselhos de soldados e operários tomou o controle sem derramamento de sangue, e a polícia do velho regime desapareceu das ruas. O movimento se estendeu até a frente ocidental, e Wilhelm foi obrigado a fugir do quartel general do Estado Maior em Spa indo para os Países Baixos.

Com uma escassa resistência, em um assalto, a revolução foi vitoriosa. Isto demonstra que o velho sistema estava já se desmoronando e havia perdido toda a simpatia das massas, cujos sofrimentos haviam alcançado seu *clímax* através da guerra e cujo medo do velho regime se desvaneceu devido à derrota militar. Esta situação incendiária, na qual uma centelha espalha para todas as partes as chamas, permitiu as preparações secretas dos grupos dos Independentes e da extrema esquerda, para um levantamento armado que passasse à ação e os dirigentes saíssem assim de todas as partes para tomar o comando. Assim, com a queda do imperialismo alemão, caiu também a forma política sob a qual funcionava: o Estado absolutista, feudal, militarista, policial, foi substituído pela república democrática.

Por sua rapidez e unanimidade, a revolução se apoiou na superfície da sociedade civil e não pode penetrar, todavia, nas profundidades das grandes massas. Para aqueles que a levaram a cabo, a revolução, como todas as revoluções modernas, é uma revolução proletária. Porém, em seus objetivos e resultados é, até agora, só uma



revolução puramente política, e, por conseguinte, uma revolução burguesa. Isto é evidente, a partir do fato dos chefes socialpatriotas, Ebert e Scheidemann, fossem selecionados para funcionar como cabeças do governo provisório.

Parece, à primeira vista, inexplicável o fato de que as massas, conduzidas ao desespero por conta da guerra e seus horrores, tivessem que derrubar e expulsar aqueles responsáveis pela guerra e que, ao mesmo tempo, permitiram os seus cúmplices, que sempre apoiaram a política de guerra, tomar o timão. Porém, isto é simplesmente o resultado da incompetência política e da adesão tradicional à velha socialdemocracia. Os quatro anos de guerra, pela pressão do campo de batalha e atividade do censor, fizeram impossível um desenvolvimento político, exceto em pequenos grupos. As massas destruíram a maquinaria que as esmagava, ganhando sua liberdade política, e agora podia iniciar o desenvolvimento político, cuja orientação ulteriormente eles desejavam. Elas estão, todavia, impressionadas com as ilusões ingênuas dos primeiros dias da revolução – inclusive como em Paris em 1848; *estas revoluções posteriores devem, primeiro, passar pelo desenvolvimento das revoluções anteriores – as ilusões de unidade do povo, de liberdade e democracia.*

A síntese dos variados termos e reflexos destas ilusões fantásticas: falamos de República Popular, os governantes são chamados representantes do povo, fazemos gestos contra toda discórdia e dissensão. A realidade da sociedade, a distinção de classe entre burguesia e do proletariado parece ter desaparecido. Quando essa realidade tornar-se novamente evidente, a luta de classes explodirá de novo. Será aguda e violenta na Alemanha, porque a burguesia e o proletariado são fortes, sua consciência de classe é poderosa e a produção está altamente desenvolvida. Esta será a próxima fase da revolução, que está se desenvolvendo agora.

Como se posicionam essas forças conflitantes?

Em tempos normais, a burguesia domina através de seu poderoso e perfeitamente organizado aparato estatal, enquanto as massas estão divididas em grupos



separados e são assim impotentes. As revoluções ocorrem quando as massas estão espontaneamente inspiradas por um desejo e encontram, deste modo, o poder em sua unidade. Novos indivíduos tomam o timão, surgem formas diferentes de governo; porém, as massas reassumem suas tarefas diárias, o fogo que inspira aquela vontade poderosa se evapora, se decompõem de novo em indivíduos e grupos, enquanto que o aparato burguês, que permanecia em pé e que só havia privado temporariamente de seu poder, retorna à sua velha posição, sem a oposição de nenhuma força organizada, e de novo se converte na organização estável do governo. Assim, através das tormentas da revolução, a dominação cresce e volta mais forte, enquanto que a experiência da revolução lhe ensina a fingir, a adotar as formas externas da democracia, o vestido de governo do povo - os governantes mudam, porém a dominação sobre as massas permanece. Para destruir essa dominação é necessário romper com a velha organização do governo, a velha burocracia, e fortalecer a organização provisória das massas transformando-a em um poder duradouro. Isso ocorreu em Paris em 1871 através da *Comuna* e na Rússia em novembro através dos *Soviets*.

Na Alemanha, os operários criaram tal organização, a mesma que surgiu na Rússia, com a formação de Conselhos de Operários e Soldados. Estes conselhos deram à revolução um poder direto que conduziu a sua vitória rápida inicial. Eles são o novo instrumento de poder para as massas, a organização das massas proletárias em contraposição à organização da burguesia. Até agora, elas não sabem o que querem, porém estão ali – não o seu programa, mas sua existência mesma, tem uma significação revolucionária. Um governo revolucionário que deseje ser o órgão do proletariado socialista, deveria começar agora por remover os velhos funcionários e suas funções.

O governo de Ebert, Scheidemann e Haase fizeram o contrário. Tentaram obrigar aos Conselhos de Soldados a ter um papel consultivo subordinado e restaurar os poderes disciplinares dos oficiais, o que resultou, em muitos lugares, em uma forte resistência e recusa dos soldados. Mantiveram a velha burocracia e lhe permitiu



continuar seu domínio; fez o mesmo que qualquer partido burguês quando assume a direção – *tomar para si mesmo as melhores posições e deixar o resto no status quo anterior*. Mantiveram os velhos generais no comando do exército e não fez nenhum esforço por leva além a propaganda revolucionária entre os soldados. Assim, permitindo o aparato da classe dominante permanecer intacto, encoraja abertamente a contrarrevolução. Já os burocratas denunciam abertamente o “governo de *diletantes*”, os generais na dianteira ordenam que seja abaixada a bandeira vermelha e toda a reação se anima.

A burguesia está inteiramente satisfeita com este governo, especialmente desde que anunciou que não se realizaria nenhuma mudança nos direitos de propriedade e que os bancos não serão nacionalizados. A razão destes anúncios é que o governo está buscando apoio em toda a população, nos operários e na burguesia, igualmente; assim, sobre a base da cooperação de todas as classes espera ser o governo da “*continua paz de Deus*”. Isto é um reflexo da inconsciência das massas, e se tornará cada vez mais impossível com o mais poderoso despertar da luta de classes.

No momento, o governo se equilibra entre as classes, tem feitos conservadores para a burguesia e frases revolucionárias para os operários – pois a burguesia possui uma consciência de classe alerta e não se descuida facilmente, enquanto que os operários não estavam ainda totalmente despertos. A primeira parte, o apaziguamento das classes médias, fica sob responsabilidade de Ebert e Scheidemann, enquanto que a produção do belo discurso radical é tarefa da chamada “*ala esquerda*”, os independentes: Dittman e Barth, que foram incluídos no governo por esta razão.

Os socialistas majoritários carecem de confiança no socialismo e na capacidade do proletariado. Não se atrevem a socializar a sociedade contra a burguesia, têm medo de governar sem a velha burocracia. A dominação dos operários lhes parece – assim como para a burguesia – como o caos; sua própria incapacidade teórica lhe faz temer a gigantesca tarefa que a situação histórica impe ao proletariado alemão. Por esta razão,



querem uma *Assembleia Nacional Constituinte* no momento mais breve possível, para removê-los de responsabilidade.

A classe média também quer a convocatória desta assembleia, pois através dela esperam restaurar as condições normais, o estabelecimento de um governo “*estável*” que enviaria os *Conselhos* para casa, agradecendo-lhes pelos serviços prestados. Isto fez alguns operários refletir, e especialmente entre os Independentes começam a duvidar e esforçam-se por dilatar a convocatória da assembleia. Os Independentes ocupam, na coalizão, o lugar que os socialpatriotas ocuparam anteriormente no governo burguês, a saber: impedir os operários de rebelarem-se contra o governo. Porém, estão compelidos, graças às tendências revolucionárias entre os operários, a resistir aos procedimentos ultraconservadores do governo.

Isto explica o crescente atrito entre Kurt Eisner [depois assassinado], o líder dos conselhos da Baviera, e Barth, por um lado, e Ebert y Scheidemann, por outro. Os Independentes também propõem planos para uma socialização moderada – *Não tudo de uma vez! Sem experimentação!* Apresentam bonitos planos para a edificação da produção socialista sob a base de grandes indústrias e de uma grande agricultura, de cujo apoio devem dispor. *Não pensam no fato de que o socialismo não é só uma questão de nacionalização da indústria, mas uma questão do poder do proletariado, disto não se diz nos escritos teóricos de Kautsky!* O resultado é que, quando a burguesia assumir novamente o poder, colocará fim a todos estes planos ou os concretizará ao seu próprio modo como *socialismo de Estado*.

Por outro lado, os Independentes já de braços dados com Jaffe, o professor bávaro de economia que durante a guerra esboçou um projeto de *socialismo de Estado Extensivo*, melhor denominado como *capitalismo de Estado*. Os dois partidos, os socialistas majoritários e os Independentes querem, sem dúvida, unir-se aos partidos burgueses radicais a partir deste programa socialista estatal, prevenindo-se de que o proletariado intervenha. Enquanto o governo se preocupa só com questões externas e



pela manutenção da ordem – que, na realidade, se torna cada vez mais caótica, a luta entre as classes se desenvolve. A burguesia organiza Guardas Brancos, o proletariado forma Guardas Vermelhas, e em segredo a reação conspira e se prepara para a guerra civil. E enquanto a chegada das tropas fortalece aos reacionários, o espírito revolucionário arde entre os operários.

A grande luta que deve se desenvolver será entre a burguesia, aberta ou disfarçadamente representada pelos partidos socialdemocratas e independentes, e o movimento revolucionário, agora anunciado como o Partido Comunista, porém que a guerra encarnou na Liga Spartacus e nos Internacionalistas de Bremen. Ainda que, como organização, não é ainda distinto e separado da Socialdemocracia e Independentes, o Partido Comunista está em oposição direta a eles, pois defende a ditadura do proletariado em contraposição ao parlamentarismo democrático e se opõe à convocatória da Assembleia Nacional; exige a abolição do capitalismo e a anulação das dívidas estatais. Representa o ideal do partido bolchevique russo, ainda que não esteja diretamente conectado com ele, por causa do conflito entre Rosa Luxemburgo e Lênin. Por parte da burguesia e dos socialdemocratas, os comunistas são representados como se fossem bolcheviques, e todas as denúncias e falsidades dirigidas contra os bolcheviques russos são também dirigidas contra eles. Muitas moções aprovadas pelos Conselhos de Solidários – especialmente na linha de frente, onde eles estão menos desenvolvidos politicamente e onde, acima de tudo, desejam descanso e paz, expressam sua aversão ao bolchevismo. Até agora, os comunistas não são mais que uma pequena minoria, e os socialdemocratas e a burguesia usam deste fato para consolidar suas forças. A influência dos comunistas sobre os trabalhadores, contudo, está crescendo a passos largos.

A situação internacional, a perigosa escassez de comida e a ameaça das tropas da Entente, são os grandes obstáculos ao desenvolvimento revolucionário na Alemanha. Do ponto de vista militar, a Alemanha está absolutamente a mercê da Entente, e



economicamente também depende dos aliados. Seus estoques de produtos alimentícios são muito pequenos e depende da boa vontade dos poloneses para receber os grãos das províncias orientais. Devido à perda de Lorena, a Alemanha não tem ferro suficiente para abastecer suas indústrias. A Entente já lhe havia notificado que a entrega de grãos depende da manutenção da ordem e do estabelecimento de um governo eficiente. A Entente, que enviou tropas para suprimir a Rússia comunista e restaurar a burguesa, é cuidadosa de não permitir que uma Alemanha revolucionária ajude a Rússia, inclusive moralmente. E o Vorwaerts? Sempre o laçao dos poderes constituídos, primeiro de Guilherme, agora da Entente, está terrivelmente agitado contra a proposta da Rússia enviar representantes ao Congresso Alemão dos Conselhos de Operários e Soldados. O Vorwaerts, a imprensa burguesa e o governo, todos confabulam para inspirar na população o medo da ameaça da Entente e para pintar a situação econômica tão negra quanto for possível. Esperam assim afogar a vontade revolucionária dos operários, e, sem dúvida, que terão êxito num setor considerável das massas.

Existem poucas dúvidas de que o Congresso de Conselhos de Operários e Soldados, convocado para 16 de dezembro, apoiará, por uma grande maioria, o governo burguês de Ebert-Haase. Estes Conselhos não são, de nenhum modo, instituições proletárias puras; nos Conselhos de Soldados estão os oficiais; nos Conselhos de Operários os dirigentes sindicais e de partido. Estes homens não deixarão que a revolução siga adiante se puderem impedir.

Contudo, existem outros fatores materiais objetivos que forçarão aos operários desde baixo. Em primeiro lugar, a oposição entre capital e trabalho – o primeiro assalto trouxe a proclamação da jornada de oito horas e o estabelecimento dos Conselhos Operários nas Fábricas. Agora que a reação esta começando, os empresários estão se esforçando para voltar atrás nessas concessões e reduzir os salários enquanto que, por outro lado, os operários estão demandando reformas mais amplas. Conflitos aqui e ali estão ocorrendo, sob a forma de greves, que requerem esforços extraordinários para a



conciliação por parte dos Independentes, agentes do Governo. Isto constrangerá, finalmente, o governo a atuar, e lhe obrigará a escolher entre pressionar a burguesia ou ter setores mais amplos das massas posicionadas contra ele. Em segundo lugar, a necessidade económica afetará ainda mais ao governa. A miséria e a privação que a guerra trouxe foram tão horríveis que os operários não poderão suportar nenhuma carga a mais, e se o governo não lhe ajuda ativamente – e isto significa que deve tomar dos possuidores – então o espírito revolucionário receberá ímpeto renovado entre as massas.

Em época de necessidade, como a que a Alemanha enfrenta agora e enfrentará durante os anos futuros, somente pode estabelecer-se um governo que, por suas ações e seu ponto de vista, não se oponha às grandes massas. Consequentemente, não é de se esperar que o Governo atual da Alemanha venha a ter êxito confinando a revolução ao seu presente carácter, puramente de reforma política; porém, a atitude das massas, está, agora, ajudando em grande medida ao governo e, por conseguinte, está fortalecendo a burguesia, com o que aumentará seu poder de resistência na guerra civil que está por vir.

Muito depende dos instintos de classe do próximo Congresso dos Conselhos de Operários e Soldados. Se estabelecer-se o fundamento do poder, o poder dos operários e soldados, então o proletariado estará bem armado para a próxima luta.